



Unesp Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências - Bauru



Beatriz Caroline da Silva Pereira

**JOGOS E BRINCADEIRAS INDÍGENAS NA ESCOLA:
UM ESTUDO DE REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

Bauru
2023

Beatriz Caroline da Silva Pereira

JOGOS E BRINCADEIRAS INDÍGENAS NA ESCOLA: UM ESTUDO
DE REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Aparecida Corrêa

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade de Ciências da
Universidade Estadual Paulista “Júlio
de Mesquita Filho” - Câmpus de Bauru,
para obtenção do grau de Licenciada
em Educação Física.

Bauru
2023

P436j Pereira, Beatriz Caroline da Silva

Jogos e brincadeiras indígenas na escola : um estudo de revisão
sistemática da literatura / Beatriz Caroline da Silva Pereira. -- Bauru,
2023
37 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências,
Bauru

Orientadora: Denise Aparecida Corrêa

1. Interculturalidade. 2. Jogos e brincadeiras. 3. Cultura Indígena. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dedico este trabalho aos meus queridos pais,
por me mostrar os caminhos de Deus e nunca
deixarem de fazer o bem sem olhar a quem.

“Educar é como catar piolho na cabeça da criança.

[...] Ser educador é ser confessor dos próprios sonhos e só quem é capaz de oferecer um colo para que o educando repouse a cabeça e se abandone ao som das palavras mágicas, pode fazer o outro construir seus próprios sonhos. E pouco importa se os piolhos são apenas imaginários”.

(Daniel Munduruku)

“Aos meus pais Gislaine e Gervasio, e ao meu irmão Gustavo, e a toda minha família os meus mais sinceros amor e respeito, obrigada por me guiarem nos bons caminhos, por todos os conselhos e orações, vocês sempre estiveram comigo, seja fisicamente ou em alma.”

“As minhas queridas madrinhas e queridos padrinhos, obrigada por cuidarem de mim.”

“Aos meus amigos, minha gratidão por me ouvirem, serem um dos pilares pelo qual consegui apoiar quando precisei e por desfrutar da vida ao lado de vocês.”

“Ao projeto Brincando e Dialogando que sempre estará em meu coração, ser parte da sua história é uma honra, por onde caminhar desejo que mais pessoas possam conhecê-lo.”

“Agradeço de todo coração à Profª. Drª. Denise Aparecida Corrêa, por estar comigo a cada passo, por me mostrar os caminhos, confiar e acreditar em mim.”

“A Profª. Mestra. Suzi Dornelas, você sempre me fez sentir que eu poderia fazer mais, obrigada por ser um exemplo de mulher, mãe e professora, você é um ser que transmite luz.”

“As professoras Suzi Dornelas, Fabricia Cezario, Nathalia Doneda e Cidinha Torres, por sempre topar as minhas ideias e por me ensinarem a não desistir e ser forte.”

“A Profª. Drª. Fernanda Rossi obrigada por integrar minha graduação e esse momento marcante.”

“A todas as professoras e professores meu agradecimento pela oportunidade de aprender com cada um de vocês.”

“A minha Amiga e Coach Amanda Martins, pelas conversas e apoio quando parecia que não íamos mais aguentar, mas não deixávamos de dar nosso melhor, pelos choros, mas também pelos sorrisos.”

“Ao Basquete Feminino - Unesp Bauru, por todas as mulheres que passaram antes e que virão depois de mim ao time, não desistam daquilo que as motivam! E ao time na qual vivemos esses momentos incríveis, nós somos admiráveis e jogamos com raça, sendo exemplo para outras mulheres, que podemos juntas realizar com maestria coisas maravilhosas.”

Um cheiro de milhões.

RESUMO

Estudar acerca dos povos indígenas é engrandecedor, pois é a cada estudo que aprendemos e nos instigam a valorizar a cultura dos povos originários, re(significando) nossa prática pedagógica. E com isso, os jogos e as brincadeiras advindas dos povos indígenas que fazem parte da nossa cultura, enquanto professores é nosso dever refletir e criticar as implicações, enquanto não indígenas, e o que fazemos para a valorização da cultura e luta daqueles que sofrem e são marginalizados por não ampliarmos nossos olhares. O objetivo deste estudo foi investigar a produção acadêmica no campo de estudos dos jogos e brincadeiras indígenas na escola, mediante revisão sistemática da literatura. Mapear e caracterizar os estudos no âmbito da produção acadêmica acerca dos jogos e brincadeiras indígenas no contexto escolar entre os anos de 2008 e 2020. Trata-se de uma pesquisa pautada na abordagem metodológica qualitativa de natureza descritiva e bibliográfica. Compreende-se que os jogos e as brincadeiras indígenas são proveitosas para o ensino-aprendizagem, ajudando na construção do pensamento crítico, relações culturais e históricas, e que a Educação Física é o componente curricular que está em destaque acerca dos trabalhos realizados nas escolas para a valorização da cultura indígena. Logo, esse estudo proporciona novos olhares para a interculturalidade dos diversos jogos e brincadeiras indígenas, para que as crianças possam levantar questionamentos, mostrando a importância dessa temática ser levada ao espaço escolar.

Palavras-chave: Interculturalidade. Jogos e brincadeiras. Cultura Indígena.

ABSTRACT

Studying indigenous peoples is empowering, as each study teaches us and encourages us to value the culture of indigenous peoples, re(signifying) our pedagogical practice. And with that, the games that come from indigenous peoples who are part of our culture, as teachers it is our duty to reflect and criticize the implications, as non-indigenous people, and what it does to value culture and fight against those who suffer and they are marginalized because we do not broaden our views. The objective of this study was to investigate academic production in the field of studies of indigenous games at school, through a systematic literature review. Map and characterize studies within the scope of academic production on indigenous games in the school context between the years 2008 and 2020. This is research based on a qualitative methodological approach of a descriptive and bibliographic nature. It is understood that indigenous games are useful for teaching-learning, helping to build critical thinking, cultural and historical relationships, and that Physical Education is the curricular component that is highlighted in the work carried out in schools for the appreciation of indigenous culture. Therefore, this study provides new perspectives on the interculturality of different indigenous games, so that children can raise questions, showing the importance of this theme being taken to the school space.

Keywords: Interculturality. Games. Indigenous Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Estudos incluídos na revisão sistemática de literatura	19
Gráfico 1 - Estudos de acordo com sua natureza e ano de publicação	23

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
a. Interculturalidade e Educação	13
b. Jogos e Brincadeiras e a Educação Intercultural Indígena	16
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
a. Natureza e Ano de Publicação	22
b. Objetivo (s) dos Estudos	24
c. Contexto e Participantes	26
d. Principais Conclusões dos Estudos	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5. REFERÊNCIAS	31

Introdução

Estudar sobre os povos indígenas e suas culturas, é uma experiência enriquecedora para vida, olhar para a ancestralidade e compreender que a nossa cultura provém daqueles que já habitavam essas terras na qual vivemos, terras indígenas.

Refletir e criticar as implicações, enquanto não indígenas, e o que fazemos para a valorização da cultura e luta daqueles que sofrem e são marginalizados por não ampliarmos nossas visões, se faz necessário para darmos maior respeito aos valores históricos culturais construídos pelos povos originários.

Peço licença à todos,
é com carinho que escrevo,
cada palavra e verso
aos povos originários,

Aos povos originários,
minha saudação,
gratidão pela ancestralidade,
e saberes em todos os lugares,

Aos povos originários,
ofereço
minha eterna alegria,
pelo brincar.

(Autora, 2023)

Nesta perspectiva, pesquisar sobre essa temática se faz jus ao quanto a cultura indígena contribui para desenvolvermos uma educação que visa os saberes e trocas entre os mais velhos e mais novos, o aprender através das vivências diárias, a ancestralidade, o brincar e mais.

Esta pesquisa está ancorada na diversidade cultural como um dos pilares para relações educativas equânimes, buscando promover conhecimento e reconhecimento da história e culturas Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas na perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais, a qual tem como uma de suas premissas:

A divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada (Brasil, 2004, p. 10).

O debate que envolve as Relações Étnico-Raciais no Brasil está ancorado no interior das lutas de resistência àquilo que herdamos do processo de invasão europeia: o colonialismo, que ao lado do capitalismo e do patriarcado, demarcam ainda hoje, hierarquizações e classificações raciais, de classe social e de gênero. Ao contrário do que se propala nos meios de comunicação de massa, essa luta continua premente, atuante e tem se fortalecido principalmente no âmbito dos movimentos sociais e dos espaços escolares e não escolarizados ou institucionais.

Uma das conquistas deste processo de lutas foi a inserção do ensino da história e cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena nos currículos de escolas públicas e particulares, regulamentada pela Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003) alterada pela Lei 11.645/2008 (Brasil, 2008), sinalizando para a necessidade de crianças e jovens se apropriarem de conhecimentos e saberes que ao longo do processo de escolarização foram suprimidos ou deturpados, diante da sobreposição da cultura dominante branca e europeia.

Desde a promulgação das referidas Leis houve um incremento no debate acerca do papel da Escola em contrapor o modelo eurocêntrico, fazendo emergir processos emancipatórios, com foco em processos educativos que contribuam com o fortalecimento das identidades, cultura e conhecimentos de povos africanos e indígenas, os quais foram anulados, silenciados e negados em um processo histórico de exploração e dominação.

Concordando com Santos (2003, p. 56) quando argumenta que

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

nos colocamos neste trabalho com a convicção de que é premente lutar pela educação das relações étnico-raciais equânimes e solidárias o que requer:

[...] de nós, professores(as) e pesquisadores(as): não fazer vista grossa para as tensas relações étnico-raciais que “naturalmente” integram o dia-a-dia de homens e mulheres brasileiros; admitir, tomar conhecimento de que a sociedade brasileira projeta-se como branca; ficar atento(a) para não reduzir a diversidade étnico-racial da população a questões de ordem econômico-social e cultural; desconstruir a equivocada crença de que vivemos numa democracia racial. E, para ter sucesso em tal empreendimento, há que ter presente as tramas tecidas na história do ocidente que constituíram a sociedade excludente, racista, discriminatória em que vivemos e que muitos insistem em conservar. (Silva, 2007, p. 493).

Nesta pesquisa assumimos a perspectiva da interculturalidade protagonizada por Santos (2010) que tem como pressuposto “[...] o reconhecimento recíproco e a disponibilidade para enriquecimento mútuo entre várias culturas que partilham de um dado espaço cultural”. Interculturalidade esta que é construída no processo mesmo de reconhecer a reciprocidade e a riqueza que essa experiência pode fomentar na medida em que “[...] só um ocidente intercultural poderá querer e entender a interculturalidade do mundo e contribuir ativamente para ela” (p. 522)

Portanto, o trabalho em prol da interculturalidade na Escola envolve combater o racismo presente através de atos discriminatórios, mas, inclusive, aquele reproduzido no material didático, nos conteúdos eleitos, bem como, pela forma acrítica e enviesada como são abordados os mesmos, reproduzindo a suposta “história oficial”, sem apresentar contrapontos ou possibilitar reflexões e discussões. Corroborando esses apontamentos, Bergamaschi e Gomes (2012) ressaltam que:

Em nenhuma das representações os alunos mostram ter visto imagens nos livros que remetem aos povos indígenas na situação social contemporânea. De fato, as imagens que predominam nos livros são as do indígena na época da colonização, representados por pinturas que confirmam o exótico ou em situações que o vitimizam (p. 56).

Como contraponto, apresentar as culturas indígenas em suas singularidades de manifestações lúdicas tem se constituído *locus* significativo para a construção de processos educativos interculturais, compreendendo que a vivência dos jogos e brincadeiras dos povos indígenas na escola possibilita “[...] novas formas de perceber o Outro, de conhecê-lo, sem deixar de ser quem cada um é, mas ampliando o potencial humano de cada criança e jovem na vivência da Educação Intercultural”. (Grando; Xavante; Campos, 2010, p. 120).

Neste sentido, compartilhamos com Gonçalves Junior et al. (2021) que afirmar o conhecimento dos jogos e das brincadeiras na escola, assentados nos princípios e referenciais epistemológicos dos povos originários, contribui para desconstruir as fragmentações dos postulados eurocêntricos, pois na filosofia indígena:

[...] brincar e jogar são condições de existência tanto como se alimentar e fazem parte das atividades cotidianas de uma comunidade, sem hierarquizações entre uma e outra ação e/ou entre as pessoas que nelas estão envolvidas seja em qual fase da vida estejam. O princípio comunitário nos remete a destituir outra fragmentação recorrente nas sociedades ocidentais-cartesianas: a criança, o

adulto e os mais velhos são integrantes da vida comunitária e compartilham as experiências lúdicas do canto, da dança, da colheita, da pesca e demais atividades do cotidiano (Gonçalves Junior, 2021. p. 125).

Diante deste cenário, consideramos premente descortinar estudos e pesquisas decorrentes de intervenções pedagógicas interculturais, compreendendo que a Escola em uma sociedade pluricultural e multiétnica como a brasileira deve garantir a diversidade como princípio fundante das aprendizagens.

Considerando a diversidade cultural expressa pelo acervo de jogos e brincadeiras dos mais de 305 povos indígenas (IBGE, 2022), duas questões permeiam a presente pesquisa: Como se caracterizam os estudos acerca dos jogos e brincadeiras indígenas na escola? Quais resultados e reflexões os estudos têm evidenciado ao analisar os jogos e brincadeiras indígenas em suas relações com a educação intercultural no contexto escolar?

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a produção acadêmica no campo de estudos dos jogos e brincadeiras indígenas na escola mediante revisão sistemática da literatura. Logo, o percurso da pesquisa foi direcionado com leituras prévias para fundamentação, seguindo da busca dos estudos relacionados à temática, encontrando os trabalhos mapeando e caracterizando-os, assim levantando os resultados, discussões e conclusões.

Consideramos que tal investigação poderá trazer contribuições para a construção do conhecimento sobre a produção científica relacionada à temática da cultura lúdica indígena na escola, bem como para motivar reflexões acerca dos jogos e brincadeiras indígenas como subsídio de ações pedagógicas que buscam promover a educação intercultural na escola.

No capítulo 1 intitulado “ Interculturalidade e Educação”, retrata acerca de uma educação intercultural, entendendo que a escola como espaço desfrutado por diversas pessoas para além de suas diferenças, com similaridades que as unem e fazem com que sejam parte de uma construção identitária.

Seguindo para o capítulo 2 “ Jogo e Educação intercultural Indígena”, encontra-se o brincar na cultura indígena visando um ensino-aprendizagem lúdico, buscando aprender do íntimo de sua própria cultura, por meio dos jogos e brincadeiras adquirindo saberes brincando.

1. INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO

Encontramos diversos conceitos quando abordamos a interculturalidade, dentre os quais, a multiculturalidade e a transculturalidade. Candau (2008) aborda o multiculturalismo em três propostas, sendo o “multiculturalismo assimilacionista”, o “multiculturalismo diferencialista” e o “multiculturalismo interativo (interculturalidade)”.

No que diz respeito ao multiculturalismo assimilacionista aqueles que são minorias continuam sendo minorias, portanto não possuem as mesmas oportunidades de outras classes sociais, logo, a hegemonia dominante impõe-se de modo superior. O multiculturalismo diferencialista, que traz as diferenças a fim de garantir seu espaço de expressão e o multiculturalismo interativo, cujo objetivo tem de ser inclusivo, lutar pela democracia e políticas de igualdade conecto com as políticas de identidade (Candau, 2008).

Já no estudo de Fleuri (2003) o multiculturalismo nos propõe caminhos variados, dirigindo as diferenças de cada ser, propostas, concepções, que faz com que esses diversos debates da terminologia não se torne algo simplesmente ditado a todos, e sim novos pontos de partida. E a transculturalidade:

[...] é entendido às vezes como elemento transversal já presente em diferentes culturas (universais culturais inscritos na estrutura humana), ou então como produto original da hibridização de elementos culturalmente diferentes. E deixando claro que esses termos não são simples, e por este fato que deixa em aberto para novas pesquisas e discussões. (Fleuri, 2003, p. 17).

Nesse sentido, o qual este estudo tem por trazer a discussão e reflexão, concordando com Fleuri (2003) de que os problemas na sociedade na qual estamos inseridos são a possibilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule. Nisso, a valorização as identidades de cada ser, na qual a identidade, sendo definida historicamente, é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Fleuri, 2003).

Os preconceitos dentro dos grupos sociais trazem atitudes colonizadoras, e emergem em uma cultura que oprime o outro nos ambientes sociais, no convívio diário, em que as pessoas impõem suas opiniões e que somente um ponto de vista é válido, as

repressões e falas ofensivas são parte de um ocultamento daqueles considerados minoritários perante as classes dominantes.

E é na escola que diversas pessoas se encontram, se relacionam e buscam por respostas, pois é um espaço cujo todos estão em constante vivência de experiências no mesmo ciclo da vida, compartilhando momentos. Mas, é também a escola que proporciona um processo de não inclusão, por não entender os seus alunos, não saber das vivências dos mesmos fora da escola, tais como, conhecer o contexto da comunidade, o mesmo relacionado a escola, o cotidiano dos alunos, etc. Nisso, as dificuldades de inserção das minorias no contexto escolar por não se identificarem com tais perspectivas, pois não condizem com suas realidades, consequentemente por mais que haja a valorização e importância dela, se torna um ambiente de confronto (Fleuri, 2003).

Quando Candau (2008) levanta a questão da igualdade, de que a mesma está sendo subalterno à luta pelas diferenças, pois as diferenças estão ganhando cada vez mais vozes, não levando a algo negativo, mas que os dois não estão balanceados. Tendo isso em vista, entendemos que as lutas pelas diferenças são maiores do que pela igualdade, sendo que ambas possuem seus papéis, mas que a igualdade é um direito de todos, e que também é afetada devido outros enfoques das lutas da modernidade, sendo necessário entendê-la.

A igualdade de todos os seres humanos, independentemente das origens raciais, da nacionalidade, das opções sexuais, enfim, a igualdade é uma chave para entender toda a luta da modernidade pelos direitos humanos (Candau, 2008, p. 46).

Dessa forma, quando se traz a valorização das identidades, busca uma compreensão de contemplar toda a redoma que envolve o indivíduo. E, a escola é um dos meios cujo o ser tem para dialogar com seus porquês, um lugar propício para dialogar com pessoas tanto diferentes quanto do mesmo ciclo social, nitidamente de diferentes identidades que a sua, mas que todos passam por essas críticas de si mesmo e procuram encontrar-se. Logo, a escola ademais é um espaço para o aprendizado, ressignificação e reconstrução, concordando que “a perspectiva intercultural quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais”. (Candau, 2008, p. 52).

(...) a educação intercultural se preocupa com as relações entre seres humanos culturalmente diferentes uns dos outros. Não apenas na busca de apreender o caráter de várias culturas, mas sobretudo na busca de compreender os sentidos

que suas ações assumem no contexto de seus respectivos padrões culturais e na disponibilidade de se deixar interpelar pelos sentidos de tais ações e pelos significados constituídos por tais contextos (Fleuri, 2003, p. 31).

Por tanto, quando dialogamos com o outro e compreendemos as diferenças que nos unem, que ambos estando usufruindo do mesmo espaço reverbera para o mundo o diálogo para as relações que abraçam ao invés de desaconchegar. Nesse aspecto, vamos mergulhar nos jogos e brincadeiras indígenas e a educação intercultural da mesma, limpando nossas lentes para enxergarmos um pedacinho do que os povos indígenas passam devido ao contato com os não indígenas e o quão isso afeta na realidade atual.

2. JOGOS E BRINCADEIRAS E A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA

Os saberes que foram e são proporcionados a nós desde a infância, e que durante nossa trajetória de vida não levantamos porquês e acabamos vivendo com a ignorância, fazem parte do caminho traçado pelos colonizadores. E a escola é o exemplo de herança da qual os saberes eurocêntricos foram impostos e ditado como certo, na qual os caminhos dos povos indígenas foram trilhados com pedregulhos.

Essa é a escola que a população brasileira, indígena e não indígena herdou, cujos conteúdos curriculares, a metodologia das aulas ministradas, bem como, o conteúdo do acervo didático, se constituíram na forma bem-sucedida de transmitir e perpetuar a crença de que há um conhecimento reconhecidamente válido, único e que se postula ser verdadeiro, cuja edificação e posse têm sua origem na sociedade ocidental e em um lugar específico do mundo: a Europa (Corrêa; Arthuso, 2018, p. 78).

Quando Corrêa e Arthuso (2018) nos retratam que o fato de uma Aldeia estar localizada próxima de uma cidade, como o caso da Aldeia Ekeruá estar perto da cidade de Bauru-SP, o povo indígena que vive, há experiências e contato maior com a vida urbana, possui influências do ambiente e conseqüentemente precisam por uma questão de necessidade, [...] já que não tinham como plantar ou pescar, por isso a busca por remuneração em trabalhos assalariados fora da aldeia.

A identidade cultural de um povo que traz costumes, crenças, modo de vida, etc; e precisam se adaptar para que possam sobreviver, é como se tirassem as palavras escritas de um livro, apagassem e deixassem somente a capa, e depois com outras experiências ele fosse reescrito, e depois quando outras pessoas o fossem ler, ficariam sem entender o

porque foi reescrito sendo que já estava completo. O povo indígena Terena da Aldeia de Ekeruá vivenciou isso,

[...] acerca da construção das casas, muito eficientes e sustentáveis além de essenciais para a sobrevivência do Povo Terena, não foram considerados por ocasião da criação da Aldeia e continuam a ser suprimidos pelos arquitetos e engenheiros não indígenas, uma vez que, com o crescimento populacional na Aldeia, os mesmos reivindicaram o direito a fazerem jus a verbas de um projeto habitacional do governo federal e as casas que estão sendo construídas são todas em alvenaria e de padrão urbano (Corrêa; Arthuso, 2018, p. 83).

Devido às influências urbanas na convivência diária dos povos indígenas que moram perto das cidades, os tópicos da vida como o exemplo da língua materna falada pelo povo indígena Terena, na qual é a língua Terena, para esse povo indígena os ensinamentos das pessoas mais velhas são importantes para seus aprendizados e o compartilhar de gerações em gerações fazem com que não se percam esses ensinamentos. Com isso, a ação das tecnologias é um fator que relatado em um dos diários de campo, em que, a convivência com essas tecnologias afeta a cultura em que se vive, modificando o desenvolver de ensinamentos ancestrais (Corrêa; Arthuso, 2018).

Apesar das implicações que a urbanização gerou para os povos indígenas, novos ensinamentos foram surgindo e com isso foram encontrando maneiras de aprender a fim de entender o não-indígena, e assim reivindicar seus direitos. Mas, os jovens ainda encontram dificuldades em terminar a educação básica, pela falta de escolas nas aldeias, e a Aldeia Indígena Ekeruá é um exemplo em que há uma escola de Ensino Fundamental, porém para realizar o Ensino Médio os jovens precisam se locomover até a cidade para completar os estudos, concordando com Corrêa e Arthuso (2018) muitas vezes eles são desestimulados devido aos aprendizados desagregados as suas vivências diárias, que por sua vez não vinha de encontro com a realidade, assim sofrendo com as intolerâncias, logo eles se sentem mais necessários e contribuintes na aldeia preferindo ficar onde estão.

Diante das vivências com a urbanização dita anteriormente, o brincar vem ao encontro na vida cotidiana dos povos indígenas, pois é a partir deles que as crianças, adolescentes e jovens aprendem acerca da sua cultura e também da vida. Segundo Grando, et al. 2010, o brincar das crianças indígenas há relações com a vida adulta, assim, enquanto brincam com brinquedos criados e manipulados por elas, aprendem a lidar com as necessidades que um dia precisará atuar em sua comunidade.

O JOGO, como um saber a ser vivenciado coletivamente na escola, contribui para desenvolver as possibilidades de a criança criar novas formas de compreender sua realidade sócio-cultural, seu grupo social, a sociedade onde vive, outros povos e outras possibilidades de viver coletivamente (Grando, et al. 2010, p.92).

Quando Daniel Munduruku relata:

“As crianças indígenas são muito criativas na hora de brincar. Elas não tem lojas para comprar os brinquedos, por isso inventam sempre novas brincadeiras para passar o tempo e aprender, pois aprendem enquanto brincam e brincam enquanto aprendem”. (2020, p. 41).

O brincar está na vida das pessoas desde quando crianças, e durante sua trajetória elas experienciam, criam e recriam as brincadeiras. As crianças indígenas “desde cedo aprendem a conhecer a natureza e, aproveitando-se dela, fazem instrumentos para brincar”. (Munduruku, 2020. p. 42). Como arcos e flechas, petecas, pequenas canoas, e também brincam de pega-pega perto do rio.

A natureza é um dos contatos na qual as crianças usufruindo dele experienciam novas formas de ver o mundo. “[...] o local é, durante o brincar, também apropriado pelo Jogo como conhecimento”; Logo, as interações com o meio se tornam aprendizados, partindo para uma construção de significados e sentidos, sendo valorizado e se tornando um meio cultural do brincante (Grando, et al. 2010).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é pautada na abordagem metodológica qualitativa de natureza descritiva e bibliográfica, com o propósito de mapear, caracterizar e analisar a produção de conhecimentos no campo de estudos dos jogos e brincadeiras indígenas na escola, por meio da revisão sistemática da literatura (Petticrew; Roberts, 2006; Silva, 2018; Simões; Mizuno; Rossi, 2019).

Para compor o quadro de estudos que se debruçaram acerca da temática essa pesquisa se pautará no método de revisão sistemática da literatura, o qual “[...] recorre a métodos de análise de produção do conhecimento da literatura de determinada temática,

permitindo, assim, priorizar temáticas e clarificar temas” (Simões; Mizuno; Rossi, 2019, p.604).

Em acordo com Gomes e Caminha (2014) recorreremos aos procedimentos da revisão sistemática da literatura para mapear a produção científica não somente para compilar informações, mas, sobretudo, “[...] acompanhar o curso científico de um período específico, chegando ao seu ápice na descoberta de lacunas e direcionamentos viáveis para a elucidação de temas pertinentes” (p. 397).

A sistematização dos parâmetros de busca tem como critérios: o recorte temporal (período das publicações); as equações de pesquisa (descritores ou expressões de busca) e o campo de busca (bases de dados).

O recorte temporal de publicação dos estudos terá como base o ano de implementação da legislação 11.645/2008 referente à obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Indígena, ou seja, estudos publicados entre os anos de 2008 e 2022. Utilizamos os seguintes descritores para as equações de pesquisa: I) Jogos e brincadeiras indígenas na escola; II) Jogos e brincadeiras indígenas na educação básica; III) Jogos e brincadeiras indígenas na educação; IV) Jogos indígenas na escola.

A definição das bases de dados teve como critério agrupar produções acadêmicas e científicas qualificadas, dentre as quais, trabalhos de conclusão de curso de graduação, monografias de cursos de pós-graduação Lato-Sensu (especialização); dissertações de mestrado e teses de doutorado, cujas bases de dados pesquisadas foram: Repositórios Institucionais das universidades públicas do estado de São Paulo (USP, UNESP e UNICAMP), bem como, artigos científicos publicados em periódicos e anais de eventos.

Com a delimitação do conjunto de publicações levantadas com a aplicação dos critérios acima descritos, procederá a leitura dos resumos das publicações encontradas, sendo excluídas da pesquisa aquelas que não se enquadram na temática central, envolvendo jogos e brincadeiras indígenas na escola.

A partir da definição do conjunto de obras, se iniciaram a leitura na íntegra do material seguindo os procedimentos de análise de conteúdo categorial temática a partir de Gomes (2009), com a finalidade de identificar aspectos e/ou elementos comuns e que se relacionam, ou seja, “[...] agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso” (p. 70).

O conjunto de categorias de análise foi construído respeitando-se três princípios de classificação sintetizados por Gomes (2009, p. 72) como: utilizar um mesmo critério para estabelecer as categorias; incluir as respostas em uma das categorias, garantindo a exaustividade do material analisado e; ter em conta que as categorias “devem ser mutuamente exclusivas, ou seja, uma resposta não pode ser incluída em mais de duas categorias”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para caracterizar os estudos, o quadro 1 identifica o título e autores dos estudos, objetivo(s), natureza e ano de publicação e o contexto e participantes.

Quadro 1 - Estudos incluídos na revisão sistemática de literatura

<u>Nº</u>	<u>Título</u>	<u>Autores</u>	<u>Objetivo(s)</u>	<u>Natureza e ano de publicação</u>	<u>Contexto/ Participantes</u>
1	Jogos de origem ou descendência indígena e africana na educação física escolar: Educação para e nas relações étnico-raciais	BENTO, C. C.	Buscar uma compreensão dos processos educativos que se desenvolveram na prática social de jogos de origem e descendência indígena e africana no contexto de uma intervenção em aulas de Educação Física.	Dissertação 2012	Turma dos anos iniciais do ensino fundamental
2	Educação física intercultural: Diálogos com os jogos e brincadeiras Guarani	FERREIRA, G; PIMENTEL, G. G. A.	Como produto final buscava-se a produção de um material pedagógico para o trabalho com a Peteca nas aulas de educação física, focando uma educação intercultural e crítica por meio do conteúdo jogos e brincadeiras.	Periódico 2013	Turma dos anos finais do ensino fundamental
3	Experiência pedagógica com jogos indígenas em aulas de educação física de uma escola pública do estado de Mato Grosso	TENÓRIO, J. G; SILVA, C. L.	Descrever uma experiência pedagógica com alunos do ensino fundamental de uma escola do interior de Mato Grosso, na disciplina de Educação Física.	Periódico 2014	Turma dos anos finais do ensino fundamental.
4	O brincar das crianças Sateré-Mawé e suas relações	BARROS, J. L. C. et al.	Analisar as relações interculturais que se	Periódico 2014	Quinze crianças indígenas, dois

	interculturais com a educação escolar indígena.		estabelecem na educação escolar indígena, tendo como foco o brincar das crianças indígenas, na escola e nos contextos sociais específicos		professores indígenas e uma professora não indígena.
5	Os jogos indígenas como conteúdo da educação física escolar	MARQUES, R. L. L.	Analisar como os Jogos Indígenas, entendidos como jogos tradicionais, são ensinados como conteúdo nas aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental.	Trabalho de conclusão de curso 2016	Turmas dos anos finais do ensino fundamental.
6	A construção do jogo indígena a partir da matemática	BETTIN, A. D. H; PRETTO, V.	Aplicar uma atividade na qual pudesse relacionar a matemática escolar com a cultura do índio, para a mostra pedagógica em comemoração a semana do dia do índio na escola.	ANAIS 2016	Turma dos anos finais do ensino fundamental.
7	Corpo, cultura de movimento e jogos indígenas nas aulas de educação física	JUNIOR, M. F. D; et al.	Relatar uma sistematização do conteúdo dos Jogos Indígenas nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental.	Periódico 2017	Turma dos anos finais do ensino fundamental
8	Jogos e brincadeiras indígenas nas aulas de educação física do CAP/UFAC	LIMA, Alessandra V, et al.	Trabalhar os conteúdos relacionados à cultura e às influências dos povos indígenas, proporcionando identificar e conhecer as diferentes etnias encontradas em nosso país, reconhecer e debater a influência indígena no cotidiano, aprendendo a respeitar e valorizar os povos indígenas, com a finalidade de construir uma sociedade pluriétnica e pluricultural.	ANAIS 2017	Turmas dos anos finais do ensino fundamental do CAP/UFAC.
9	Relato de experiência: A importância dos jogos e brincadeiras indígenas nas aulas de educação física	SOUZA JÚNIOR, G. A.	Discutir e apresentar a vivência durante o estágio supervisionado III em Educação Física, direcionado a alunos do ensino fundamental II, buscando relatar a experiência vivida.	Trabalho de conclusão de curso 2018	Turma do ensino fundamental II da Escola Estadual Indígena Akajutibiró - Baía da Traição, PB.
10	Atividades culturais indígenas na educação física escolar	MOREIRA, L; PERES, J.	Apresentar uma proposta de atuação que introduz a cultura indígena nas aulas de educação física.	Periódico 2019	Turmas dos anos iniciais do ensino fundamental
11	Prática pedagógica	ANDRADE, L. C.	Compreender as diferentes	Periódico	

	histórico-crítica e educação física: Uma experiência com os jogos indígenas e africanos		manifestações dos jogos de matrizes indígenas e africanas, tendo como locus principal a historicidade.	2019	Turma dos anos iniciais do ensino fundamental
12	Educação das relações étnico-raciais em aulas de educação física: uma abordagem conceitual	POMIN, F; DIAS, L. R.	A vivência de jogos e brincadeiras africanos e indígenas e a compreensão da história e a dinâmica básica destas atividades, sua origem e metáforas, além de uma mudança nos conceitos estereotipados que valorizam a influência da cultura branca dominante, enquanto exclui as referências das outras culturas, negando o caráter democrático e multicultural que a escola deve ter.	Periódico 2019	Turmas dos anos iniciais do ensino fundamental
13	Jogos e brincadeiras indígenas no ensino da educação física: desafios e perspectivas nos anos iniciais do ensino fundamental	SHREIBER, C.	Analisar a aplicabilidade de jogos e brincadeiras indígenas na disciplina de Educação Física no contexto escolar, nos anos iniciais do Ensino Fundamental.	Dissertação 2021	Turma dos anos iniciais do ensino fundamental.
14	Brincadeiras e jogos de raízes africana e indígena em Poço Redondo (SE)	ALVES, L. M. S.	Analisar as brincadeiras e os jogos de raízes africana e indígena e sua importância como metodologia de ensino a ser concretizada no planejamento dos professores de Educação Física no município de Poço Redondo/SE.	Trabalho de conclusão de curso 2021	Pesquisa bibliográfica
15	Cultura Indígena como ferramenta pedagógica nas aulas de educação física	SILVA, F. J. S.	Analisar a importância da inserção da cultura indígena nas aulas de Educação Física, justamente como um fator de diversidade.	Periódico 2022	Revisão de literatura.
16	Proposta didática para o ensino de jogos e brincadeiras indígenas no ensino fundamental	JESUS, T. L. M.	Apresentar a importância da produção de materiais didáticos que auxiliem no trabalho docente, especificamente sobre os jogos e brincadeiras indígenas.	Trabalho de conclusão de curso 2022	Material didático

Fonte: Elaboração própria

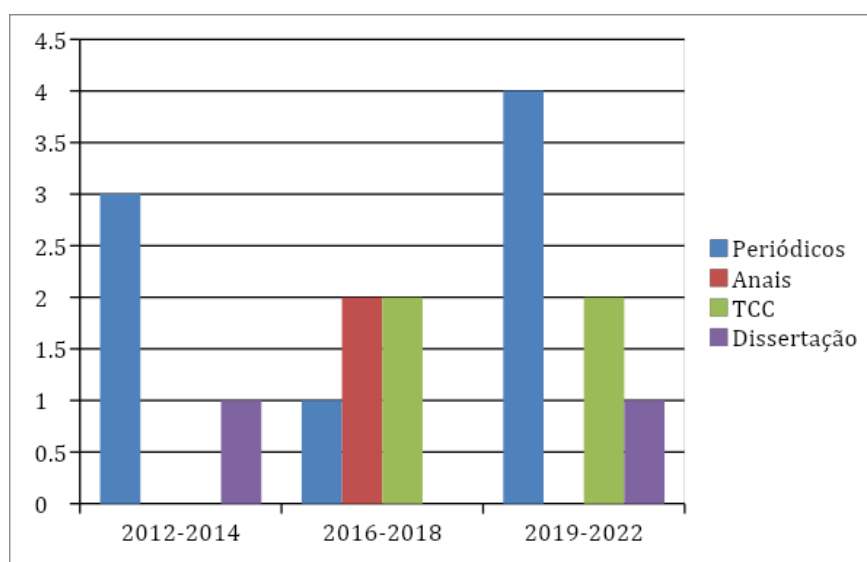
Após análise dos estudos do quadro acima, foram especificados nas seguintes categorias temáticas: objetivo(s); natureza e ano de publicação; contexto dos estudos e

participantes da pesquisa; e as conclusões essenciais dos estudos.

1. NATUREZA E ANO DE PUBLICAÇÃO

O conjunto da produção acadêmica no recorte temporal de 2008 a 2022 foi composto por dezesseis estudos, dentre os quais, quatro trabalhos oriundos de TCCs; duas dissertações de mestrado; oito publicações em periódicos e duas publicações em Anais de eventos científicos, os quais foram representados no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Estudos de acordo com sua natureza e ano de publicação



Fonte: Elaboração própria

No ano de 2012 encontramos uma dissertação de mestrado. Em 2013 um artigo em periódico e em 2014 dois artigos em periódico foram encontrados. No ano de 2015 não houve produções. Em 2016 um trabalho de conclusão de curso de graduação e um trabalho publicado em anais. No ano de 2017, um trabalho publicado em anais e um em periódico. Em 2018, um trabalho de conclusão de curso.

Dentre os anos que concentrou mais produções estão 2019 a 2022 (3 artigos publicados em periódico, um trabalho de conclusão de curso e uma dissertação de mestrado). Os três artigos em periódicos publicados no ano de 2019. Já no ano de 2020 não houve produção e em 2021 concentrou duas publicações, sendo dois artigos em periódicos. E, por fim, em 2022 uma publicação em periódico, um trabalho de conclusão de curso e uma dissertação de mestrado.

Entre os anos de 2008 e 2011 não foi encontrado nenhum trabalho nas bases de dados pesquisadas. Isso nos mostra que no momento em que se decretou a Lei 11.645/2008, houve uma lacuna de três anos em que não foram encontrados trabalhos publicados acerca dos jogos e brincadeiras indígenas na escola.

Com este quadro, verificamos que a maioria dos estudos incluídos na revisão sistemática refere-se aos trabalhos publicados em periódicos, sendo oito publicações nesta categoria, seguidas por trabalhos de conclusão de curso de graduação, com quatro publicações, e, por último estão as publicações em anais de eventos científicos e dissertações de mestrado com duas publicações em cada. E, não foram encontradas teses de doutorado dentro da temática dos jogos indígenas na escola, nas bases consultadas.

2. OBJETIVO(S) DOS ESTUDOS

Nesta categoria, busca entender qual objetivo(s) tiveram os estudos selecionados e o que eles pretendiam realizar na pesquisa. Com isso, foi possível identificar como estão relacionados a temática dos jogos e brincadeiras indígenas na escola, e então foram elencados eixos temáticos realizando relações entre os estudos.

No eixo “*Processos Educativos*” foram agrupados os estudos de Bento (2012); Marques (2016); Lima (2017) e Silva (2022), os quais tiveram como foco compreender o que se aprendeu e o que se ensinou com a inserção dos jogos e brincadeiras indígenas.

Os estudos de Moreira e Peres (2019); Pomin e Dias (2019) que trazem as experiências da Educação Física, enquanto Bettin e Pretto (2016) em relação à Matemática. Esses trabalhos foram agrupados no eixo “*A cultura indígena no componente curricular*”, que trata sobre a aplicabilidade dos jogos e brincadeiras indígenas no contexto escolar e como os professores passam essas vivências para seus alunos incluindo em sua disciplina a cultura indígena. Moreira e Peres (2019); Pomin e Dias (2019), buscam a valorização da cultura indígena dentro de seus componentes curriculares, buscando uma formação de cidadão consciente e crítico. Bettin (2016) vai ao encontro com os autores, trazendo a perspectiva de um diferente currículo, mas que condiz a valorização da cultura indígena.

Os estudos de Tenório e Silva (2014); Junior, M. et al. (2017); Andrade (2019); Alves (2021) e Schreiber (2021) do eixo “*Proposta de ensino com os jogos e*

brincadeiras” se concentraram nas aulas de Educação Física, com isso, percebe-se o quão a mesma está possibilitando com que os alunos do ensino fundamental, interajam, reflitam sobre as suas práticas corporais para além do esporte enraizado no ambiente escolar como relata Junior et al. (2017).

Com objetivos de celebrar e integrar os alunos Tenório e Silva (2014); Junior, et al. (2017), relatam que para além da competitividade o reunir e dialogar sobre as diferenças são parte da aprendizagem, e buscaram com que por meio dos jogos indígenas os alunos pudessem dialogar sobre a importância dos jogos e brincadeiras indígenas e a cultura, e como eles contribuem na convivência escolar para que os alunos dialoguem entre as diferenças.

No eixo “*Produção de materiais didáticos*”, os estudos de Ferreira e Pimentel (2013) na Educação Física e Jesus (2022) na Pedagogia, tiveram como objetivo uma produção de material didático como proposta para um trabalho intercultural na escola. Possibilitando uma proposta para professores da educação pensar formas de ensinar a cultura indígena por meio dos jogos e brincadeiras indígenas.

Esses trabalhos são meios para que outros professores possam usufruir, refletir, ter ideias para agregar aos seus conhecimentos e planejar suas aulas pensando numa educação antirracista, pois proporcionam informações sobre os povos, quais as brincadeiras, materiais e como utilizar e até produzir os próprios brinquedos.

Dentro do eixo denominado “*A valorização do brincar das crianças indígenas, na Educação Escolar Indígena*”, encontramos apenas um estudo durante a pesquisa, o de Barros et al. (2014), cujo objetivo esteve no contexto escolar indígena, e os demais estudos foram nas escolas não indígenas. Essa constatação nos faz refletir o porque não há mais estudos no contexto escolar indígena, tendo a perspectiva de que os jogos e brincadeiras indígenas valorizam a cultura brasileira, e para uma educação antirracista trabalhar com a historicidade do passado para com o futuro, ampliam as visões e busca a interculturalidade, indo em busca dos conhecimentos na própria cultura faz com que valorizamos e incentivamos as práticas dessas culturas.

Júnior (2018), este estudo se caracterizou no eixo “*Discutir e apresentar a vivência durante o estágio supervisionado em Educação Física, com jogos e brincadeiras indígenas*”, pois busca relatar como foi o estágio supervisionado em uma Escola Estadual Indígena de ensino fundamental II, tendo em vista como outros estudos citados a

valorização da cultura indígena por meio dos jogos e brincadeiras oriundas dos mesmos, e como trabalhar com esta cultura pode contribuir para a formação do professor.

Algo que perpassa os objetivos dos estudos aqui analisados foi a legitimidade com a contextualização da historicidade dos povos indígenas no Brasil, apresentando a Lei 11.645/2008 as/aos alunas/os, como enfatizou o estudo de Junior, et al. (2017). Contudo, os estudos buscam além do ensino dos jogos e brincadeiras da cultura indígena, visam um trabalho intercultural por meio deles, a fim de uma construção da valorização dos povos indígenas, tendo como respaldo a Lei citada e o fomento dos professores em busca de uma educação antirracista e intercultural.

3. CONTEXTO DOS ESTUDOS E PARTICIPANTES

Nesta categoria, visa o contexto dos estudos e seus participantes, para compreender qual a realidade investigada nos estudos, os quais foram agrupados da seguinte forma:

3.1 Pesquisa bibliográfica e Revisão de literatura

Encontramos dois estudos fundamentados em pesquisas bibliográficas, dos quais o de Alves (2021) cujas fontes foram além de livros e artigos científicos publicados, caracterizou também em uma pesquisa documental, onde as Leis e documentos orientadores da educação ajudaram na coleta dos dados encontrados na bibliografia e documentos. O estudo de Silva (2022), levantou estudos em que a cultura indígena nas aulas de Educação Física foram o centro do processo de ensino-aprendizagem e a escola como espaço de desenvolvimento.

Ambos os estudos estão ligados à Educação Física e aos jogos e brincadeiras acerca da cultura indígena, Alves (2021) possui uma amostra maior que Silva (2022), pois também pesquisou os jogos da cultura africana. [...] a Educação Física como componente curricular da educação básica tem que contemplar um ensino significativo referente à diversidade cultural, e isso é possível por meio das brincadeiras e jogos de raízes africanas e indígenas (Alves, 2021, p. 52).

Com isso, as autoras nos trazem estudos dos quais a cultura indígena é parte do ensino-aprendizagem por meio dos jogos e brincadeiras advindo dos diversos estudos coletados em suas pesquisas e ressaltam que a Educação Física tem um papel fundamental

para contribuir com o ensino das culturas.

3.2 Materiais didáticos

Jesus (2022) teve como premissa realizar um material didático para auxiliar o trabalho docente nos anos iniciais do ensino fundamental. Seu estudo contempla doze propostas de jogos e brincadeiras indígenas para serem feitas na escola, podendo os alunos confeccionarem seus próprios materiais ou usufruir das que não precisam de materiais para os jogos e brincadeiras. Esta proposta de material didático é um meio para aqueles que ainda não trabalham a cultura indígena na escola, busquem recursos para ressignificar sua prática.

3.3 Estudos de campo

Dois estudos realizaram a pesquisa em Escola Indígena, sendo o estudo de Barros et al. (2014), no ensino fundamental na Escola Tupanã-Yporó, da aldeia Sahu-Apé, no município de Iranduba/AM. As pessoas que fizeram parte da pesquisa foram 15 crianças indígenas entre 4 e 11 anos e “pessoas politicamente responsáveis pela implantação da escola na comunidade e atuantes na própria escola” segunda a autora, sendo elas, uma professora não indígena que ministra aulas para o ensino fundamental, a cacique que ministra aulas na língua materna e seu filho professor da Educação para Jovens e Adultos (EJA).

Ainda neste estudo, Barros et al. (2014) nos traz o brincar das crianças indígenas na escola e na aldeia, tendo relações entre elas, pois “o brincar aparece de forma ambígua na escola indígena, ora como suporte do processo de ensino-aprendizagem, ora como forma de expressão livre, espontânea da criança indígena” segundo a reflexão da autora com o relato da professora não indígena. Possibilitando nossa reflexão para com o nosso ensinar colonizador que brincar tem sua hora, e que no caso o brincar é parte das nossas vivências e nos ajuda no processo de ensino-aprendizagem enquanto professores e alunas/os.

Barros et al. (2014) relata o papel do professor enquanto o significado do brincar e o quanto na rotina há espaços para que as crianças brinquem. Assim, os professores possuem autonomia para que em suas aulas haja a possibilidade de aprender brincando,

sendo o professor mediador desses espaços do brincar.

E no segundo estudo de Junior (2018) que apresenta a experiência vivida acerca do estágio supervisionado III, no ensino fundamental anos finais, na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Akajutibiró - Baía da Traição, PB. Este estudo em relação ao eixo, não nos mostra nitidamente o contexto e os participantes da pesquisa como Barros et al. (2014) anteriormente, mas que durante essa experiência, a partir do estágio houve um entendimento de que as intervenções ministradas por ele foram de grande valia para sua formação e de que ao trabalhar os jogos e brincadeiras indígenas há a valorização do mesmo no ambiente escolar, tendo com preceptora a Educação Física para a aprendizagem dos jogos e brincadeiras indígenas.

Cinco estudos tiveram como participantes da pesquisa estudantes do anos iniciais do ensino fundamental, são eles Bento (2012), Moreira e Peres (2019), Andrade (2019), Pomin e Dias (2019) e Shreiber (2021).

Sete estudos tiveram como participantes da pesquisa estudantes do anos finais, são eles, Ferreira e Pimentel (2013), Tenório e Silva (2014), Marques (2016), Bettin e Pretto (2016), Junior et al (2017) e Lima et al. (2017).

A pesquisa de Barros et al. (2014) ocorre no contexto escolar, mas não em um ano específico. As crianças possuem idades entre 4 e 11 anos e também pessoas como o autor trás “pessoas politicamente responsáveis pela implantação da escola na comunidade e atuantes na própria escola” (p. 35), assim não adentrando nas duas categorias acima citadas.

Por fim, observamos nesta categoria que encontramos um número maior de estudos na área da Educação Física do que em outros componentes curriculares. Mas, apesar disso, o estudo de Bettin e Pretto (2016) diz respeito às aulas de matemática, no qual aplicou um jogo da cultura indígena para ensinar a matemática escolar, e outro estudo de Jesus (2022) do curso de pedagogia em que se fez uma proposta de material didático, o qual já foi abordado no eixo “Materiais didáticos”.

Nesse campo, nos mostra a falta de aplicabilidade acerca das culturas indígenas em outras disciplinas, pois por mais que tenhamos trabalhos com exemplos de possibilidades para o ensino da mesma, ainda é escasso.

Ao analisarmos os eixos acima, pode-se visualizar que no ensino fundamental nos anos iniciais são mais contemplados com a inserção da cultura indígena na escola do que

nos anos finais e ensino médio, não tendo sido encontrado nenhum estudo realizado na educação infantil, e que, na educação dos jogos e brincadeiras como meio para um ensino intercultural a Educação Física se torna preceptora para a aprendizagem.

4. PRINCIPAIS CONCLUSÕES DOS ESTUDOS

Alves (2021) e Bento (2012) trazem a relação da cultura e as brincadeiras, sendo que, ao brincar identificamos os elementos que nos caracterizam enquanto cultura. Bettin e Pretto (2016) vem ao encontro com a valorização e relatos das crianças realizando relações com as suas vivências de não estar somente ligados ao computador. Concluindo com o estudo de Masques (2016) na qual salienta que os alunos estão interessados em vivenciar os jogos Indígenas nas aulas de Educação Física, oportunizando o diálogo com outras culturas.

Lima et al. (2017) buscaram a valorização e o respeito da cultura indígena por meio das manifestações lúdicas, sendo as práticas de confecção de brinquedos, atividades artísticas, danças, leituras, etc.

Pomim e Dias (2019) ressaltam a questão dos professores se “sentirem desmotivados para realizar um trabalho que exigisse preparação e pesquisa e para o qual careciam de conhecimento”. (p. 91). Isso é algo a refletir sobre a formação dos professores, em que, em suas formações haja disciplinas que colocam as culturas Indígenas, Africanas e Afro-brasileiras em evidência. Indo de acordo com Souza Junior (2018) que contribui com a experiência de estágio, na qual possibilita experiências na formação como futuros profissionais.

Considerando a Educação Física enquanto componente curricular obrigatório e a importância que possui na escola, como disciplina que auxilia no processo pedagógico e contribui para a educação dos alunos, deve promover o diálogo sobre as influências e contribuições de diferentes povos na cultura corporal. (Souza Junior, 2018p. 19)

Andrade (2019), Schreiber (2021) e Silva (2022) se entrelaçam entre suas conclusões devido ao fato de que ao trabalhar a cultura indígena, os jogos e as brincadeiras respectivos, contribuem para uma educação na qual visa desmistificar e ajudar nos

processos educativos para o combate ao racismo e aos preconceitos adornados a cultura indígena.

O estudo de Tenório e Silva (2014) na perspectiva da interculturalidade, saindo de uma Educação Física esportivizada, buscou os jogos e brincadeiras Indígenas para esse feito, que a partir da reflexão das aulas, ao inserir os jogos e brincadeiras Indígenas os alunos fossem em busca de diferentes culturas para além do esporte.

Logo, Moreira e Peres (2019), trazem o resgatar das brincadeiras diante da cultura indígena, sendo o professor o preceptor de propor essas atividades. Corroborando com Junior, et al (2017), em que, ao propor a vivência do cabo de força, corrida da tora, e outras brincadeiras, o teor competitivo não foi descrito, devido a intervenção, mas que o importante é a participação de todos.

Ferreira e Pimentel (2013), relata que os próprios alunos após as intervenções relatam interesse em continuar vivenciando os jogos e brincadeiras indígenas, nisso, podemos concordar também com Jesus (2022, p. 20) que “é por meio do brincar que a criança indígena aprende sobre as atividades que vão exercer na vida adulta”. Assim como as crianças indígenas, as crianças não indígenas precisam do brincar para aprender, independentemente do assunto tratado, pois com o brincar possibilitamos que as crianças criem relações com suas próprias vivências e ampliamos sua concepção de mundo trazendo sentidos para que se tornem significativas.

E para tal, é preciso que estejamos aprendendo diretamente com os povos originários sobre suas culturas, pois as brincadeiras vindas deles fazem parte do seu modo de vida, assim estaremos contribuindo para sua compreensão e valorização (Barros, et al, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo deste estudo que foi investigar a produção acadêmica no campo de estudos dos jogos e brincadeiras indígenas na escola, mediante revisão sistemática da literatura. Os resultados obtidos nos mostram que é preciso uma educação sobre a cultura dos povos indígenas e que os jogos e brincadeiras são meios para que os alunos aprendam, reflitam, reconstruam e desmistifiquem suas opiniões sobre os povos originários, buscando a valorização das diferentes culturas.

Concordando com Alves (2021), fica evidente que o trabalho para com as relações étnicos-raciais, é essencial nas escolas para gerar criticidade nos alunos e buscar refletir e lutar contra os preconceitos e discriminações com os povos indígenas e africanos existentes nos espaços escolares e fora dele.

Visualiza-se que no ensino fundamental nos anos iniciais estão sendo mais contemplados com a inserção da cultura indígena na escola dentre os demais anos de ensino. Tendo isso em vista, fica inequívoco que a Lei 11.645/2008 respalda e intima às escolas para que se faça trabalhos referentes ao ensino das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas, para que os alunos se integrem as culturas e com o auxílio dos professores busquem conhecer, dialogar, refletir as relações étnicos-raciais a fim de criar uma autonomia de aprendizagem e estima as culturas.

Por fim, consideramos que as aulas de educação física sobressaíram como central no foco dos estudos analisados, demonstrando que este componente curricular tem sido um propulsor de propostas didáticas para tematizar a cultura indígena nas escolas. Por outro lado, consideramos que é imprescindível estudos que se debrucem em focar no contexto escolar indígena, o que apareceu em apenas um estudo. Acreditamos ser essencial trazer as manifestações lúdicas a partir dos próprios povos indígenas o que sinaliza à comunidade científica a prioridade em focar os estudos nesta direção de modo a subsidiar processos pedagógicos para fomentar uma educação antirracista nas escolas.

REFERÊNCIAS

ALVES, L, M, S. Brincadeiras e jogos de raízes africana e indígena em Poço Redondo (SE). 2021. Monografia (graduação). RUNA - Repositório Universitário da Ânima. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17218>>. 2021.

ANDRADE, L. C. Prática pedagógica histórico-crítica e educação física: Uma experiência com os jogos indígenas e africanos. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 10, n. 1 p. 70-82, mar. 2019.

BARROS, J. L. C. et al. O brincar das crianças Sateré-Mawé e suas relações interculturais com a educação escolar indígena. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. 14 (1):26-48. 12 de abril de 2014.

BETTIN, A. D. H; PRETTO, V. A construção do jogo indígena a partir da matemática. Inbooks. A escola já não é a mesma: novos tempos, novos paradigmas - **Anais do XXI SIEDUCA** - Livro eletrônico, 21 (21), p.266-273, 2016, Educação, Cultura e Sociedade, 978-85-66040-11-1. <hal-01573575>.

BENTO, C. C. Jogos de origem ou descendência indígena e africana na Educação Física escolar: educação para e nas relações étnico-raciais. 2012. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

BERGAMASCHI, M. A; GOMES, L. B. A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, p. 53-69, Jan/Abr 2012.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 3 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 16 jun 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 10.639, de 3 de janeiro de 2003. Disponível em: <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm> Acesso em: 16 jun 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 3/2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília, 2004.

CANDAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 37, p.45-56 jan./abr. 2008.

CORRÊA, D. A; ARTHUSO, F. Z. Educação intercultural indígena: reflexões no contexto escolar Terena da aldeia Ekeruá. **Motricidades: Revista da sociedade de pesquisa qualitativa em motricidade humana** v.2, n.2, p. 76-90, maio-ago. 2018.

FLEURI, M. R. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação.** n.23 p.16-35. maio de 2003.

FERREIRA, M. B. R; VINHA, M; SOUZA, A. F. Jogos de Tabuleiro: Um percurso em etnias indígenas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento.** 16(1): 47-55. 02 de janeiro de 2008.

FERREIRA, G.; PIMENTEL, G. G. de A. Educação Física intercultural: diálogos com os jogos e brincadeiras Guarani. Horizontes - **Revista de Educação**, ISSN 2318-1540, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 79–93, 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/3166>. Acesso em: 18 abr. 2023.

GOMES, I. S; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. **Movimento: Revista da Escola de Educação Física**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 395-411, jan.-mar. 2014.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GONÇALVES JUNIOR, L. *et al.* O jogo em jogo: suleando sua compreensão. In: BENTO, J. O. *et al* (Org.) **Desporto e educação física: identidade e missão**. Maputo: Educar, 2021. p. 117-129.

GRANDO B. S; XAVANTE S. I; CAMPOS, N. da S. Jogos/brincadeiras indígenas: a memória lúdica de adultos e idosos de dezoito grupos étnicos. In: GRANDO B. S.(Org.). **Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: Indígenas: primeiros resultados do universo / IBGE. Rio de Janeiro, 2023.

JESUS, T. L. M. Proposta didática para o ensino de jogos e brincadeiras indígenas no ensino fundamental. 2022. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Campus Ji-Paraná, Ji-Paraná, 2022.

JÚNIOR, G. A. S. Relato de experiência: A importância dos jogos e brincadeiras indígenas nas aulas de Educação Física. 2018. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

JUNIOR, M. F. D; et al. Corpo, cultura de movimento e jogos indígenas nas aulas de educação física. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 8, n. 1 p. 21-32, mar. 2017.

LIMA, Alessandra V, et al. JOGOS E BRINCADEIRAS INDÍGENAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO CAP/UFAC. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological - III Mostra acreana de educação, ciência, tecnologia e inovação** - Viver Ciência - v.4, n.2 (supl.3), p.1-177, 2017.

MARQUES, Rayanne Lorrane de. Os jogos indígenas como conteúdo da educação física escolares. 2016. 28 f. Monografia (Graduação). Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Centro Universitário de Brasília. Brasília. 2016.

MOREIRA, L; PERES, J. Atividades culturais indígenas na educação física escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 10, n. 1. p. 83-93, mar. 2019.

MUNDURUKU, D. Coisas de índio: versão infantil - São Paulo : Callis, 2020.

PETITCREW, M; ROBERTS, H. **Systematic reviews in the Social Sciences: a practical guide**. Cornwall: Blackwell Publishing, 2006.

POMIN, F.; DIAS, L. R. Educação das relações étnico-raciais em aulas de educação física: Uma abordagem conceitual. Olhares: **Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 81–94, 2019. DOI: 10.34024/olhares.2019.v7.6836. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/6836>.

SANTOS, B. S. Um ocidente não-ocidentalista? A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. In: SANTOS, B. de S; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.519-562.

SANTOS, B. S. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, B. S. (Org.) **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SHREIBER, C. Jogos e Brincadeiras Indígenas no Ensino da Educação Física: desafios e perspectivas nos anos iniciais do ensino fundamental. 2021. 181 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado - Irati) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava. 2021.

SILVA, F. J. S. Cultura Indígena como ferramenta pedagógica nas aulas de educação física. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 1393–1398,

2022. DOI: 10.16891/2317-434X.v10.e2.a2022.pp1393-1398. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/1001>.

SILVA, P. B. G. Educação das relações étnico-raciais nas instituições escolares. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 69, p. 123-150, maio/jun. 2018.

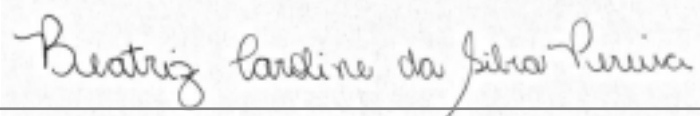
_____. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SIMÕES, B. D; MIZUNO, J; ROSSI, F. Yoga para crianças: um estudo de revisão sistemática da literatura. **Revista Cocar**, v.13, n. 27, p.597-618, 2019.

TENÓRIO, J. G; SILVA, C. L. Experiência pedagógica com jogos indígenas em aulas de educação física de uma escola pública do estado de Mato Grosso. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, jul./dez. 2014.



Profª Drª. Denise Aparecida Corrêa
(Orientadora)



Beatriz Caroline da Silva Pereira
(Aluna)